

# UMA PANORÂMICA SEISCENTISTA DE BRAGA

---

MIGUEL MELO BANDEIRA



## URBIVISÃO SEISCENTISTA DA CIDADE DE BRAGA

Fez recentemente 400 anos que o famoso *ex-libris* bracarense, inserto no primeiro atlas urbano conhecido – *Civitates Orbis Terrarum* – foi publicado dando ao mundo desde os últimos anos de *quinhentos*, a visão geral da capital primacial *das Hespanhas*. Além de constituir a mais remota imagem da cidade que se conhece, correspondeu até há bem pouco, à urbisvisão exclusiva de Braga anterior ao Séc. XVIII.

Entretanto, não sabemos se para compensar a ausência da comemoração de tão precioso e dignificante documento ou somente por ironia do destino, todos aqueles que se interessam e investigam o passado desta cidade têm sido recentemente brindados com a divulgação de novos espécimes pertencentes a um património iconográfico e cartográfico que, como é sabido, continua a ser escasso. Estamos a referir-nos concisamente ao *Mappa da Cidade de Braga Primas*, datável do início da segunda metade do Séc. XVIII e que é atribuído ao notável arquitecto bracarense André Soares. Igualmente, surgiu um “álbum de aguarelas seiscentistas, representando 39 povoações portuguesas”<sup>1</sup>, noticiado pelo Professor Artur Anselmo, no qual figura a imagem que pré-textua o presente comentário.

## UMA IMAGEM DISTORCIDA, MAS EXCLUSIVA

A importância desta imagem justifica-se por si só, se atendermos ao facto do Século XVII constituir um "buraco negro" no que diz respeito à representação global dos traços fisionómicos de Braga. A cidade é ainda e contudo, o resultado dos empreendimentos urbanísticos levados a cabo pelo arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), cujos espaços abertos, que a figura deixa adivinhar, foram colmatados por elevado número de construções.

O documento que nos ocupa não constitui obviamente um produto cartográfico, mas um testemunho geral que nos participa aquilo que conjunturalmente poderá traduzir os traços fundamentais do ordenamento urbano e a configuração arquitectónica de alguns dos edifícios mais importantes.

O primeiro relance induz-nos imediatamente no confronto com a gravura de Georg Braun, quer pela sua semelhança impressiva, quer também, pela aparente igualdade de perspectiva na "tomada de vistas".

Estamos perante uma *panorâmica* da cidade captada de um ângulo de observação acentuadamente mais oblíquo que a *vista* de Braun, onde designadamente o limite superior do enquadramento deixa ver as representações recortadas em silhueta. Por seu turno, a perspectiva meridiana coloca o hipotético observador orientado no quadrante SW-NE, ou seja, mais deslocado para poente que o alinhamento patente na gravura de referência <sup>2</sup>. Esta dissemelhança, embora não seja determinante, contribui para desdizer que a figura tenha sido feita, mesmo que expeditamente, a partir da outra. Neste sentido recorreremos à cartografia actual <sup>3</sup>, de molde a testar a hipótese de existir um ponto de observação onde convergissem, supostamente, as linhas da perspectiva e se confirmasse a tese de uma imagem levantada no local.

Dado o enquadramento, o único ponto possível que abarcaria de uma só vista a cidade de então nesse enfiamento, seria a elevação denominada *Mouta* – 241 mts alt., a poente do monte *Picoto* e que em relação à Sé de Braga distaria em linha recta 1750 mts, comportando um desnível de cerca de 60 mts. Tendo-nos deslocado ao local, logo verificámos a improbabilidade da vista ter sido exclusivamente levantada daí. Uma observação mais atenta, leva-nos a admitir como mais consistente a hipótese de ter sido utilizado mais do que um ponto de observação. Com efeito, o primeiro plano da imagem traduz uma ruptura de perspectiva no que concerne à cidade representada aquém do tramo Sul da muralha. Este facto, em nossa opinião, poderá indiciar a utilização, como posto de observação, de um dos torreões localizados a SW da cidade intramuros (junto ao Campo de S. Sebastião), tendo sido posteriormente compostos os arruamentos extramuros meridionais .

No que diz respeito à topografia, o ângulo rasante de observação da figura em análise, ao contrário da gravura de Braun cujo *observador* se encontra mais perto do ponto zenital, igualmente não regista os declives (ex. *Rua das Cónegas* e *rua das Agoas*(?)).

Não é necessário esmiuçar profundas observações para nos apercebermos das grosseiras distorções expressas em relação à gravura de referência. No entanto é possível fazer uma conclusão preliminar: ou o autor se baseou em informações erradas e incompletas ou não esteve com preocupações de confirmação dos levantamentos efectuados.

A periferia de todo o enquadramento apresenta, no que toca ao seu sistema radial de acessos, uma grande distorção, de que são exemplo a relação de orientação entre as supostas ruas das *Agoas* (E) e a *Cangosta de S. Sebastião* (W).

No interior amuralhado, onde a rede viária é mais densa, concentram-se os registos mais fantasiosos. No caso, o que salta imediatamente à vista, nem que seja pela sua localização de referência, é a inexistência do quarteirão que separa as ruas *Nova* e de *Maximinos, ou dos Burgueses*<sup>4</sup>. A porta, rasgada na muralha, tanto pode ser a *Nova* como a da *N.ª S.ª da Ajuda*! De igual modo esta omissão ignora as ruas que trilhavam o quarteirão, como são o caso das ruas dos *Sapateiros*, da *Vielinha* e dos *Assougues Velhos*. Teria o observador sido iludido pela diferença de cota entre as ruas, mascarando a rua *Nova* das perspectivas obtidas a partir dos pontos anteriormente considerados?!

No sector do *Bairro das Travessas* (SW-intramur.) a configuração dos quarteirões altera a natureza dos traçados viários. Tal como na gravura de Braun, esta imagem acentua a perspectiva oblíqua, pois que os arruamentos surgem-nos demasiado largos para serem minimamente credíveis. Ora, por consequência, o sistema viário adquire erros estruturais. O alinhamento que se desenvolve entre a Sé Catedral e a Porta de S. Tiago não se reconhece se é rua do *Poço*, por se saber que esta liga rectilineamente as anteriores referências, ou se trata da rua *D. Gualdim*, por ostentar na extremidade o *Domus Municipalis*?! E a *Travessa* que permitia a ligação entre estas duas vias?!... E a rua *Pequena*?!, etc.

Por outro lado, O sector SE da cidade murada exhibe um paralelismo concêntrico! – Muralha/rua do *Colégio/ Travessa da rua do Forno para a rua do Poço* – originando um alinhamento e localização inverosímeis no que se supõe ser a rua de *Janes*. Se excluirmos a omissão da ligação<sup>5</sup> rua *Nova/Campo de Touros*, por muito pouco provável que seja, todo o restante pode considerar-se legível.

Em síntese, a representação das estruturas urbanas parecem mais facilmente reconhecíveis extramuros – onde se salienta a obliteração da *Cangosta das Cruzes*, (entre S. Tiago e o Hospital de S. Marcos) – do que intramuros, onde domina o capricho.

## PANORÂMICA URBANA

No que respeita à classificação da imagem em análise somos induzidos a estabelecer um paralelo comparativo com a gravura de Braun. Na verdade, este documento pelas características do seu desenho e projecção, encaixa-se nas formas de representação da paisagem utilizadas já desde o Séc. XVI. De acordo com a classificação proposta por R. A. Skelton<sup>6</sup>, é possível reconhecer quatro tipos de *mapas*, dos quais, a imagem em análise parece, em nossa opinião, adequar-se ao conceito de *Panorâmica* urbana. Trata-se de uma das duas formas intermédias entre a *Perspectiva* horizontal, recortada em silhueta de tradição medieval (de que temos como exemplo a obra de Duarte de Armas) e a *Planta geral*, cujo observador se localiza no ponto zenital. Com efeito, o conceito seleccionado, define-se pela obtenção de uma perspectiva de observação oblíqua, destacando em elevação os edifícios principais, tal como na *Vista geral*. Todavia distingue-se deste conceito por não apresentar uma escala uniforme de representação entre o primeiro plano e o plano de fundo. *“Este estilo de representação que resulta de uma combinação de técnicas, e era semelhante, àquilo que os especialistas de óptica do Séc. XVII chamavam “cenografia”, combinando “iconografia” (o plano de fundo) com “ortografia” (o perfil ou elevação)”*<sup>7</sup>.

## EM BUSCA DE ALGUMAS RAZÕES

Perante o irrealismo fantasista das representações e a surpresa de algumas omissões, há um manancial informativo que nos parece inestimável. Deva-se dizer, fora de todo o contexto cartográfico, que a imagem que se nos depara vale o que vale, independentemente de ser ou não um instrumento científico.

Um mapa também não é uma reprodução fiel do espaço que representa, não obstante, traduz uma leitura, promove a legibilidade do território, estabelece, como diria Rombai, um “grau de consciência territorial”. Por mais detalhe que tenha, a sua composição significa sempre uma selecção de elementos. Os mapas são também eles, uma construção subjectiva submetida a normas pré-estabelecidas de selecção e representação.

A imagem em questão não tem rigor cartográfico, não tem escala, não tem legenda, não tem data, não são evidentes as relações entre as áreas, não estão devidamente expressas as direcções e as distâncias, não tem, definitivamente, uma relação proporcional entre as formas. Todavia, tem um enquadramento, uma perspectiva... Que razões estão por detrás da exclusão de

importantes arrabaldes – ex. os alinhamentos das ruas *Cruz de Pedra/Direita* (Maximinos), S. Vicente, Sr.<sup>a</sup>-a-Branca/S.Victor e Ponte de Guimarães – por essa altura já completamente integrados na unidade urbana, quando a cidade cabia ainda toda num só golpe de olhar?!

Será que a selecção do plano de observação enquadra apenas os motivos que interessam ao seu autor?! A figura está centrada sob a perspectiva de observação de toda a cintura amuralhada, onde são visíveis os acessos de entrada, as estruturas defensivas e os campos adjacentes, representados com alguma fidedignidade. Por outro lado, há uma desconsideração evidente pela individualização das casas, cuja regularidade tipológica – pisos e espaçamentos –, que por ironia diríamos, fazem lembrar a monotonia dos bairros operários do séc. XIX, contrastando ao invés, com os edifícios institucionais mais relevantes e as principais massas arquitectónicas. Estes últimos, nomeadamente a Sé, a Câmara, o Colégio de Santiago, a Igreja do Pópulo, a Igreja de Santa Cruz e o Seminário de S. Pedro, só para citar os que mais sobressaiem, evidenciam um pormenor suficiente para se poder já avaliar algo da sua real fisionomia arquitectónica.

As impressões do Professor Artur Anselmo poderão ajudar a deslindar este enigma, quando afirma que a obra <sup>8</sup> onde se inclui esta imagem:

“contém, além de vistas meramente urbanas, algumas praças militares importantes Entre-Douro-e-Minho (como Caminha e Monção), do Alentejo e Algarve. Aliás, *nota-se a preocupação do desenhador em pormenorizar aspectos ligados à defesa territorial, desde as fortificações até às peças de artilharia*” <sup>9</sup>.

No caso de Braga, é claramente evidente a inoperacionalidade da arquitectura militar defensiva existente, designadamente da muralha que encinta o centro da cidade, por esta se encontrar desmantelada em todo o trecho N/NE e ainda pelas características dos panos amuralhados (verticais) sobreviventes se encontrarem desadequados dos sistemas estratégicos então vigentes. Para isso basta compararmos, no artigo já citado, com a estrutura defensiva de Caminha, equipada com o novo tipo de muralhas (*à Vauban*) – como passou a ser comum em todas as fortificações com valor militar, quer fossem situadas no litoral ou, nas linhas defensivas da fronteira terrestre, especialmente retomadas a partir do esforço da guerra da *Restauração Nacional* – e, o caso de Ponte de Lima que ostenta uma estrutura defensiva semelhante à de Braga, contudo melhor conservada.

## O CONTEXTO DA CARTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO URBANA NO SÉC. XVII

O Século XVII, na História da Cartografia representa o advento da cartografia científica contemporânea. Neste decorrer “*o objectivo principal dos trabalhos cartográficos em grande escala foi de tipo militar. Em quase toda a Europa elaboraram-se planos de cidades, praças fortes e campos de batalha, para uso dos exércitos em campanha, ou para ilustrar a História guerreira*”<sup>10</sup>. Falar então de cartografia é, de certa forma, abordar a revolução perpetrada nas doutrinas militares da época. Daí que mereçam especial destaque as transformações operadas no seio da artilharia, que originaram a conseqüente necessidade de readaptação dos sistemas e estruturas defensivas, em especial das cinturas amuralhadas das cidades e praças fortes, face ao novo potencial de fogo. Por reflexo este processo implicou um incremento da cartografia e das representações urbanas, desenvolvidas pela recentemente institucionalizada engenharia militar, que tinha por missão a elaboração de itinerários e a representação dos teatros de guerra. Não estranhamente, o fermentar do racionalismo científico, ao promover o aperfeiçoamento dos instrumentos e técnicas de medição, veio contribuir para o crescente rigor dos levantamentos cartográficos. Os finais do Séc. XVII ficaram marcados pela transição dos dogmas ptolomaicos para a introdução da geodesia e a topografia nos levantamentos dos mapas. O Séc. XVII é, como alguém referiu, um período de correcção cartográfica onde coexistem os mais copiosos erros com as mais recentes verdades.

Por outro lado, a proliferação dos “livros de cidades”, género tão em voga no *renascimento* europeu, que beneficiou das potencialidades criadas pelo surgimento da imprensa, continuou por todo o Séc. XVII. Considerados por um autor coevo, como uma “cura para a melancolia”, estes livros destinavam-se a proporcionar o deleite dos seus usufrutuários ou a promover a ostentação de quem os possuía.

Na Península Ibérica há muito que o protagonismo cartográfico se tinha transferido para o Norte da Europa, em particular desde a aceitação das obras de Ortelius e Mercator.

Em Portugal os acontecimentos da última década de *quinhentos* que levaram à perda da independência marcaram todo o Séc. XVII, envolvendo as nossas terras e gentes nos conflitos ibéricos que se prolongaram inclusivé pelas guerras da *Restauração* até ao primeiro quartel do século seguinte. A cartografia portuguesa reflectiu este quadro, independentemente de ser executada sob chancela castelhana ou lusitana.

Também no nosso país, designadamente a cartografia “metropolitana no Séc. XVII está intimamente relacionada com a engenharia militar”<sup>11</sup>, especialmente no que concerne às defesas fronteiriças, em particular as marítimas,

acrescidas ainda na época pelo assédio da pirataria. Aqui demandam engenheiros militares e outros mercenários destros nas novas artes da guerra, que executam e por vezes divulgam cartas e técnicas de levantamento, que vão sustentar o planeamento defensivo das cidades, vilas e praças.

No período do domínio castelhano, são igualmente produzidas cartografias urbanas no âmbito dos levantamentos efectuados nas possessões coloniais do Brasil e Índico. Esta última é particularmente rica na representação de "itinerários que têm por base plantas de fortalezas e cidades" <sup>12</sup>, e destina-se fundamentalmente a apoiar o domínio dos grandes eixos de tráfego marítimo, de que são exemplo as obras de M. Godinho de Erédia – 1610, A. Bocarro – 1635, P. Barreto de Resende – 1636, entre outros.

A *restauração da independência* acentua mais ainda o reforço de defesa, ao qual não é estranha a produção cartográfica. Luis Serrão Pimentel, nas cortes de 1641, propõe a criação de uma *aula de fortificação e arquitectura militar* em Lisboa. Engenheiro-mor do reino desde 1663 é também autor de uma das principais obras de referência nesta temática - o *Methodo Lusitanico de desenhar as fortificações das praças regulares e irregulares...*, publicada em 1680. Lentamente a cartografia portuguesa adopta as técnicas mais modernas, o que não impede a concepção de materiais segundo velhos métodos, já que a maior parte da cartografia deste período foi elaborada por militares estrangeiros, espécie de mercenários que nem sempre transmitiam os seus conhecimentos e, não raras vezes, pura e simplesmente mudavam de trincheira.

## NOTA FINAL

A *panorâmica* de Braga em análise, embora não explicitamente, pode ser admitida no contexto da abordagem exposta. Se por um lado é admissível a sua utilidade informativa, mesmo que impressiva, no domínio militar – atente-se à chamada de atenção para os "*aspectos ligados à defesa territorial, desde as fortificações até às peças de artilharia*" <sup>13</sup>, patentes na obra onde a figura se insere – por outro lado sugere alguns dos valores tão caros aos "livros de cidades", concebidos mais para a fruição do espírito do que para o terçar de armas. Na verdade, qualquer uma destas duas hipóteses são válidas para uma imagem seiscentista deste tipo.

Vimos já que os erros expressos não têm necessariamente a ver com desleixo do autor; mas tão somente poderão ser atribuídos à suposta irrelevância de determinados detalhes perante as finalidades propostas.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Anselmo, Artur, in *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, 13, 1989, p. 107-112.
- <sup>2</sup> Comparar alinhamento viário entre a rua dos Pellames e a Sé Catedral.
- <sup>3</sup> Carta Corográfica de Portugal. 1:50 000. Inst. Geográf. Cadast., 1989, Folha – 5-D Braga.
- <sup>4</sup> Respectivamente as actuais ruas D. Diogo de Sousa e trajecto Norte da D. Paio Mendes.
- <sup>5</sup> Rua dos *Gattos*.
- <sup>6</sup> Wallis, Hellen – *Cartografia Urbana do Renascimento*, in “Ler História”, n.º 10, 1987, p. 127.
- <sup>7</sup> Idem, p. 129.
- <sup>8</sup> *Typis Portugaliæ*.
- <sup>9</sup> Idem nota 1.
- <sup>10</sup> Joly, F. (1979) – *La Cartografia* – Barcelona, Ariel, 1982, p. 21.
- <sup>11</sup> Garcia, João C. – *O País e o império na Cartografia dos séculos XVII e XIX – in, Etapas de Evolução da Cartografia Portuguesa (Séculos XV e XIX)*, Alegria, M.ª F.ª e Garcia, J. C., “*La Cartografia de la Peninsula Iberica è la sua extensió al continent americá*”, Barcelona, Inst. Cartografic de Catalunya, 1991, p. 266.
- <sup>12</sup> Idem, p. 265.
- <sup>13</sup> Vide nota 1, p. 108.

## BIBLIOGRAFIA

- Alegria, Maria Fernanda e Garcia, João Carlos – “Etapas da Evolução da Cartografia Portuguesa (Séculos XV a XIX)”, in *La Cartografia de la Península Ibérica e la sua Extensió al Continent Americá*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1991, 227-279.
- Anselmo, Artur – *Um documento iconográfico precioso...*, “*Cadernos Vianenses*”, Viana do Castelo, 13, 1989, p.107-112.
- Bandeira, Miguel Melo – “O Espaço Urbano de Braga em Meados do Séc. XVIII”, Tese Mestrado, Coimbra, FLUC, 1992.
- “*Nova Bracaræ Auguste descriptio* – 400 anos de divulgação mundial da cidade”, “*Diário do Minho*”, Braga, 12-9-1994.
- Costa, P. Avelino de Jesus da – “D. Diogo de Sousa – Novo Fundador de Braga e grande Mecenas da Cultura”, Braga, Sep. do liv. “Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 Anos da Dedicção da Catedral”, Braga 4-5 Maio de 1990 (pp. 15-118), Academia Portuguesa de História, 1993.

- Daveau, Suzanne – *História e Geografia*, “Ler História”, Lisboa, 21, 1991, 162-169.
- “Algumas Leituras para uma Exposição” in *A Pintura no Mundo – Geografia Portuguesa e Cartografia dos Séculos XVI a XVIII*, Catálogo da Expo. c/ mesmo título, Porto, Bibliot. Públic. Municip. do Porto, 1992, 111-120.
- Feio, Alberto – *Coisas Memoráveis de Braga, e outros textos*, Braga, Univ. do Minho / Bibliot. Públic. de Braga, 1984, 154.
- Ferreira, J. Augusto – *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)* – 4 Tom, Braga, Mitra Bracarense, 1928/35, 2241.
- Joly, Fernand – *La Cartografía* – , Geografía, 2.ª, Ariel, 1982, 304.
- Kish, George, – “Cartes, Globes et Arts Décoratifs. Une vue des Géographes” – *Acta Geographica*, 3.ª série – N.º 66/86, 1986, 65-81.
- Oliveira, Eduardo Pires de – *Estudos Bracarenses, 1 – As alterações toponímicas (1380-1980)* –, Braga, ASPA - Ass. Def. Estud. e Divul. Patrim. Cult., 1982, 126.
- Rombai, Leonardo – “Geografi e Cartografi nella Toscana Dell' Illuminismo, La Politica Lorenese di Aménagement del Territorio e le ragioni della Scienza Geografica” –, *Rivista Geografica Italiana*, Firenze, 94 (1987), Pub. Società di Studi Geografici di Firenze, 1987, 287-335.
- Vazquez Maure, Francisco e Martin Lopez, José – *Lectura de Mapas* –, Madrid, I.G.N. – Ministerio Obras Publicas y Urbanismo, 1986, 382.
- Wallis, Helen – *Cartografia Urbana do Renascimento*, “Ler História”, Lisboa, 10, 1987, 127-138.

## FONTES

- ADB, *Índices dos Prazos das Casas* (4 Volumes), 1749, ADB, Manuscrito. (Cartório do Cabido).
- ADB, *Mappa das Ruas de Braga*, Ricardo Rocha, 1750, ADB, Manuscrito. (Cartório do Cabido).

## CARTOGRAFIA/ICONOGRAFIA

Georg (atribuído), *nova BRACARAE AUGUSTE descriptio*, ICONOGRAFIA, 1594, Impresso (cop.).

Belchior José e Maciel; Miguel Baptista, *Planta da Cidade de Braga*, IIGC-29 – Cartas Antigas da Mapoteca, 6.4.3.-385, 1/4 000, 18 - -, Impresso.

Geográfico e Cadastral, *Carta Corográfica de Portugal, Braga* – folha (5D), – Lisboa, 1:50000, 1989, Impresso.

Caldas, *Braga Pitoresca ou a Verdadeira Cyntra do Norte.*, *Planta*, BPB, 1:1648,3, 1857, Impresso.

Andre Ribeyro S., *MAPPA DA CIDADE DE BRAGA PRIMAS*, Bibliot. da Ajuda, Lisboa.



## LEGENDA

- |       |  |     |  |
|-------|--|-----|--|
| 1.    | Rua do Campo                                 | 30. | Campo da Vinha                                 |
| 2.    | Rua Nova                                     | 31. | Rua Fonte da Cárcova                           |
| 3.    | Praça do Pão                                 | 32. | Eirado   |
| 4.    | Rua das Oucias                               | 33. | Rua dos Chãos de Baix                          |
| 5.    | Rua do Souto                                 | 34. | Rua do Carvalhal                               |
| 6.    | Terreiro do Castelo                          | 35. | Campo de St. <sup>a</sup> Ana                  |
| 7.    | Rua de Janes (!)                             | 36. | Rua das Águas                                  |
| 8.a)  | Rua de S. João                               | 37. | Rua de S. Marcos                               |
| 8.b)  | Adro de S. João                              | 38. | Campo dos Remédios                             |
| 9.a)  | Travessa de S. João p/ a Rua do Forno        | 39. | Rua dos Granginhos                             |
| 9.b)  | Rexio  | 40. | Rua Sr. <sup>a</sup> da Torre (?) / Ru do Anjo |
| 10.   | Rua do Forno                                 | 41. | Campo de S. Tiago                              |
| 11.   | Travessa do Forno p/ a Rua do Poço (?)       | 42. | Rua dos Pelames                                |
| 12.   | Rua D. Gualdim (?)                           | 43. | Rua do Alcaide                                 |
| 13.   | Rua de St. <sup>a</sup> Maria ou do Poço (?) | 44. | Cangosta de S. Sebastião                       |
| 14.   | Rua do Colégio                               |     |  |
| 15.   | Largo de S. Paulo                            |     | * * *  |
| 16.   | Rua Santiago                                 |     |  |
| 17.a) | Rua de St. <sup>o</sup> António              | A   | – Sé   |
| 17.b) | Terreiro de St. <sup>o</sup> António         | B   | – Domus Municipalis                            |
| 17.c) | Rua do Terreiro de St. <sup>o</sup> António  | C   | – Paço Arcebispal                              |
| 18.   | Trav. R. D. Gualdim ao Couto do Arvoredó     | D   | – Cidadela (castelo)                           |
| 19.   | Rua das Chagas                               | E   | – Igreja dos Oratorianos                       |
| 20.   | Rua dos Burgueses ou de Maximinos            | F   | – Convento dos Remédios                        |
| 21.   | Rua Verde                                    | G   | – Hospital de S. Marcos                        |
| 22.   | Couto de Arvoredó                            | H   | – Igreja de Santa Cruz                         |
| 23.   | Terreiro de S. Sebastião                     | I   | – Colégio de S. Tiago                          |
| 24.   | Carvalheiras                                 | J   | – Igreja do Pópulo                             |
| 25.   | Rua de S. Miguel-o-Anjo                      | K   | – Seminário de S. Pedro e S. Paulo             |
| 26.   | Em Frente aos Açougues                       |     |  |
| 27.   | Campo das Hortas                             |     |  |
| 28.   | Rua dos Biscainhos                           |     |  |
| 29.   | Rua da Cónega                                |     |  |